



QINGLONG E A GRANDE GUERRA DRAKKAR



QINGLONG E A GRANDE GUERRA DRAKKAR

A· G· OLYVER

1ª Edição

2021

Catálogo na publicação (CIP)
Ficha Catalográfica feita pelo autor

0153S Olyver, A. G., 1984

I. Contos da Saga Draconiana - QingLong e a Grande Guerra Drakkar/ A. G. Olyver. - 2021
248 P. ; 21 cm.

1. Literatura Brasileira. 2. Ficção.

I. Título

CDD: B869.3

CDU:821.134.3(81)-31

Direitos Reservados ao Autor

DEDICATÓRIA

Dessa vez já quero começar agradecendo a todos os leitores de A Saga Draconiana, que diariamente me inspiram a continuar escrevendo histórias nesse riquíssimo Universo Drakkar, pelo qual tanto tenho carinho.

Agradeço especialmente, sempre, às duas mulheres da minha vida: minha esposa *Gleyce Kelly Costa Duarte*, e minha mãe *Nerci Maria Godois de Oliveira*. Também quero agradecer a todos os meus familiares e amigos que tanto me apóiam nessa carreira maravilhosa de escritor, e que compartilham comigo essa paixão pela fantasia. A todos vocês, meu mais sincero e grande obrigado.

Sem mais delongas, espero que você, leitor, viaje junto com QingLong nesse maravilhoso conto de tempo antigos, onde o Universo Drakkar era um pouco diferente.

Boa Leitura!

A. G. Olyver

SUMÁRIO

I	– A PROMESSA.....	11
II	– VOVÓ WU MEI.....	23
III	– CHEGANDO AO GRANDE PALÁCIO DOS PROTETORES.....	33
IV	– A PASSAGEM.....	41
V	– RUMORES.....	55
VI	– OS PRIMEIROS CAVALEIROS.....	65
VII	– A SENTENÇA E O FIM DE UMA HISTÓRIA.....	79
VIII	– BALANÇO.....	87
VIX	– NO CENTRO DA ETERNIDADE.....	97
X	– CONVERGÊNCIA.....	107
XI	– O COMEÇO DE UMA NOVA HISTÓRIA.....	123
XII	– A ORDEM DE SEKHEM.....	135
XIII	– A PALMA CÍCLICA.....	153
XIV	– O CAMINHO NÃO PERCORRIDO.....	161
XV	– O INÍCIO DA BUSCA.....	181
XVI	– AS CINCO ARMAS LENDÁRIAS.....	193
XVII	– DE VOLTA AO GRANDE PALÁCIO DOS PROTETORES.....	207
XVIII	– A GRANDE GUERRA DRAKKAR.....	223
XIX	– O FIM DE UM CICLO.....	249

A·G·OLYVER





A PROMESSA

Nesses milênios de existência compreendi os caminhos infinitos e complexos que permeiam toda a criação, que preenchem o *Todo* e são dele como um inspirar e expirar eternos. Porém, nem sempre fora assim. Mesmo eu, que hoje vislumbro parte desse saber profundo, tive meus dias de aprendizado e de completa ignorância. Afinal, a sabedoria é um percurso, não uma chegada. É necessário começar a jornada e permanecer nela com afínco e dedicação; então, todas as antigas e secretas portas do conhecimento se abrirão, e as vozes da sabedoria eterna estarão ao alcance daqueles que possuem ouvidos para ouvi-las.



– QingLong... digo... Mestra... – gaguejou minha afobada aprendiz, enquanto entrava na sala de chá daquele Palácio onde estávamos.

Sempre achava graça na pressa que ela tinha em fazer todas as coisas ao mesmo tempo. Só me restava rir.

– O que houve? – perguntei, mas já sabia do que se tratava.

– Terminei de Cultivar a Essência necessária – ela disse de forma energética enquanto se sentava à minha frente.

Concordei lentamente com a cabeça, tentando desacelerar sua agitação enquanto lhe servia uma xícara de chá.

– Muito bem – eu disse – Já está pronta para aplicar tudo o que lhe ensinei. Foram dias importantes... – comentei.

– Sim – ela disse – Agora acho que venço qualquer um – riu.

Sorri ao vê-la com tanta segurança, com tanta certeza de que era, naquele momento, a Drakkar mais poderosa que já havia pisado na face da Terra. E, talvez, durante seu futuro confronto, por uns instantes, ela atingiria realmente esse posto.

– Você agora precisa descansar – disse a ela – Logo será o momento de interceder.

– Não – ela foi enfática levantando o dedo, repreendendo-me – Você disse que ia me contar sobre a Grande Guerra Drakkar; sobre você. Foi uma promessa...

– Promessas... – suspirei – É verdade – concordei sorrindo.

Realmente havia prometido contar a ela, mesmo que brevemente, como fora nos meus tempos de aprendiz, durante aquele terrível evento que viríamos a chamar de Grande Guerra Drakkar. Apesar de ela precisar descansar para estar completamente recupera-



QINGLONG E A GRANDE GUERRA DRAKKAR

da para o confronto brutal que teria logo mais, não podia me negar de cumprir minha promessa.

– Se você não contar agora, não sei quando nos veremos de novo... – ela disse, apelando para meu lado emocional.

– Eu vou contar... resumidamente – ri – Descanse.

Ela se jogou ao chão da sala, com sua xícara na mão, franziu o queixo com a típica expressão de riso e se pôs atenta.

– Bem... – tomei um gole do doce chá *longjin*, cujo brilho esmeraldino refletia meu olhar que começava a divagar por longínquas lembranças; então, comecei a contar para minha querida aprendiz, a minha história, desde o começo.

Assim como a *Yulanhua* floresce depois do frio, quando a neve derrete, pintando o horizonte com suas flores branco-rosadas, eu nasci depois do ano novo, em uma pequena aldeia, no vale do rio Amarelo, poucos anos depois do bondoso Imperador Shun iniciar seu reinado de pura paz.

Fazia poucos séculos que nosso povo havia se unido de forma a se identificar como uma só etnia: os *Han*. Antes disso, nós éramos apenas tribos esparsas perdidas ao vento pelas planícies e montanhas. Essa unificação foi parte do legado de HuangDi, o Imperador Amarelo, nosso primeiro governante. Porém, ainda que para nós aquele acontecimento maravilhoso fosse parte de nossa história, para a pequena QingLong, tudo começou dois dias depois de seu aniversário de onze anos.

– Long'er! – minha vovó me chamou, da porta de nossa casa, enquanto eu brincava com meus amigos: Yu e Yue.



Yu e Yue eram irmãos. Yu era um menino da minha idade, enquanto Yue, sua irmã, tinha apenas nove anos.

– Sim, vovó! – corri em sua direção, deixando-os por um momento.

Muito diferente dos tempos modernos, naquela época, nossas casas eram circulares, com paredes de pau a pique e escavadas alguns centímetros para dentro da terra. Tínhamos no centro daquele casebre a nossa fogueira principal, que servia tanto para nos aquecer, como para cozinhar. Ao redor dela se estendiam bancos para nos sentarmos e comer e, no extremo, junto às paredes, estavam nossas camas feitas de tecidos enrolados. Era tudo muito simples, mas a felicidade que percorria meu coração era genuína e muito forte.

– Está na hora, Long'er – ela disse, dando-me passagem para entrar em casa.

Minha família e alguns moradores da aldeia, que eram mais próximos, sempre me chamavam de Long'er; um diminutivo carinhoso para Long. Nome que meu pai me dera, pois, sendo ele um Drakkar Azul, torcia para que eu herdasse dele o Elemento e me tornasse uma grande Drakkar. O nome QingLong, isto é, Dragão de cor azul ciano, era para me inspirar.

Dentro de casa meu pai esperava ansioso junto à minha mãe. Iríamos testar novamente se eu havia desenvolvido o Elemento. Minha vovó fazia esse teste regularmente a cada novo início de lua.

– Sente-se – ordenou minha vovó.

Eu havia nascido de um Drakkar com uma humana. Minha vovó, mãe de minha mãe, chamada Wu Mei, era a matriarca da nossa aldeia e era também a Terceira Mestra do Clã dos Protetores. Era um título muito honroso e muito importante. Todos a admiravam e



a respeitavam tanto quanto o próprio Imperador. Suas habilidades eram magníficas.

Naquela época não havia Institutos e os Drakkars, quando desenvolviam Elemento, precisavam ser admitidos por um Mestre Drakkar subordinado aos Protetores, que podia ter até três aprendizes. Esses Mestres Drakkars prestavam contas ao Clã dos Protetores, que comandava tudo. Eram os fiscais, os juízes e, claro, os carascos. Todos os Drakkars andavam na linha e evitavam ter problemas com eles. O poder de um Protetor era, e sempre foi, insuperável. Porém, o que colocava medo nos jovens Drakkars que recém haviam desenvolvido Elemento era que, caso não conseguissem um Mestre Drakkar para lhes tomar como aprendizes, os Protetores removiam deles completamente o Elemento, tornando-os totalmente humanos pelo resto da vida. Nenhum de nós queria aquilo.

– Feche os olhos, meu amor – disse minha mãe.

Fechei meus olhos e respirei fundo.

Eu, mesmo naquela idade, já tinha conhecimento sobre o Fluxo Primordial e Cultivava a Essência Primordial desde meus sete anos, pois minha vovó me ensinava a Arte dos Protetores, esperando que eu jamais desenvolvesse Elemento e que eu continuasse no caminho do Protetorado, seguindo seus passos. Ainda assim, eu torcia para me tornar uma grande Drakkar, como queria meu pai.

Era claro que a Arte dos Protetores era especial. Ela já havia sido refinada ao seu máximo, desde o primeiro uso, na Primeira Guerra Dracônica contra os Lordes, quase mil anos antes. E, quinhentos anos depois, durante a Segunda Guerra Dracônica, quando os Protetores finalmente prenderam os Lordes, a Arte já possuía uma estrutura bem definida e seus adeptos já conseguiam ensiná-la de forma prática aos aprendizes. Essa Arte, que ficou conhecida



como a Palma Servil, com seus cinco níveis, era, naquela época, chamada de *Shurdu*; um termo arcaico, criado pelos primeiros Protetores, vindo do oriente médio, mas que minha vovó traduzia como *Pu Zhang*. Termo que viria dar origem ao nome Palma Servil. Esses antigos Protetores, que venceram os Lordes, usuários da *Shurdu*, chamavam a si mesmos de *Clã Andulène*. Um *Andül* era aquele que dominava os três níveis principais da *Shurdu* e alterava sua Essência interna, para dominar o Sangue Draconiano.

– Respire fundo, minha Long'er – disse minha vovó enquanto pegava um galho em chamas da nossa fogueira central.

Respirei e me concentrei. Queria fazer fluir a Essência Primordial e circulá-la por dentro de meu corpo, aumentando o poder interno da mesma forma que minha vovó me ensinara desde pequena.

– Abra os olhos e concentre-se na chama – ela disse.

Abri e me concentrei o máximo que pude, mas, como de costume, à minha frente, aquele pau em brasas com uma pequena labareda, nada fazia. Ficava lá, estático, como se nem mesmo o ar que se movia por dentro de minha casa pudesse movê-lo.

– Ela ainda não desenvolveu o Elemento – meu pai suspirou desanimado, temeroso de eu não vir a me tornar uma Drakkar.

– De fato – sorriu minha vovó, esperançosa de me fazer Protetora.

Eu queria ser uma Drakkar, era verdade, mas na minha idade, também pouca ou nenhuma diferença fazia se eu já tivesse ou não desenvolvido Elemento. No fim do dia, eu podia voltar a brincar com Yu e Yue pela aldeia e, naquela época, era só o que me importava.



QINGLONG E A GRANDE GUERRA DRAKKAR

Corri para próximo de meus amigos, com a aldeia às minhas costas e o rio em tom amarelo à minha frente.

– E então? – perguntou Yue, assim que retornei para perto deles, que se assentavam embaixo de uma árvore próxima ao rio.

– Nada ainda... – dei de ombros.

– Mas vai conseguir, um dia – disse Yu, cheio de ânimo.

– Vem! – gritou Yue – Sente-se aqui – ela bateu no chão, ao seu lado.

– Não – desdenhei – Vai sujar minha roupa... – estiquei o tecido para desamassá-lo.

Eles riram.

Minha roupa, diferente das da maioria dos aldeões, era feita de seda. Claro, não era a mesma seda trabalhada tão conhecida nos tempos modernos, mas uma forma mais rústica e primitiva. Estávamos recém aprendendo a produzi-la e, sendo assim, por essa dificuldade, era reservada às famílias mais importantes e ricas e, a minha, bem, era uma delas.

– Saíam daí! – gritou tio Gun, o pai de Yu e Yue, enquanto passava longe de nós, observando o rio.

Ficar próximo ao rio era perigoso. As cheias vinham muito rápidas e muitas crianças se afogavam nas aldeias que se erguiam nos seus arredores por ficar brincando perto do rio. Não eram poucas, naquele tempo, as crianças que se deitavam nos jarrões de cerâmica, que serviam de urna, para enterrar os corpos dos mais novos.

– Um dia eu vou mudar esse rio – Yu resmungou indignado enquanto se levantava e puxava sua irmã – Nunca mais teremos enchentes.



Yue e eu rimos.

– Um dia a Long'er vai ser uma Drakkar – disse Yue – E vai poder mudar o curso desse rio e proteger todos nós.

– Se fosse assim – Yu desdenhou – O tio Liu já teria feito.

Era verdade que meu pai era um Drakkar, mas mesmo sendo ele do Elemento Água, não poderia mudar o curso do rio. Caso fosse do Elemento Terra, um simples *Sopro Tectônico* faria o serviço. Talvez se tivéssemos algum Drakkar Verde na nossa aldeia, tudo seria diferente; Mas Drakkars eram escassos e super vigiados.

Corremos para a praça central, que era circundada por todas as casas, e nos sentamos em alguns banquinhos de madeira que lá havia. Yue, aproveitando o momento, correu mais um pouco, até sua casa, para pegar um pouco de milhete para comer.

O Sol, pondo-se no horizonte, aquecia nossos rostos com seu brilho dourado e suave enquanto uma leve brisa acariciava nossa pele. Nada podia ser mais gracioso que os dias de criança na nossa aldeia.

– Sabe, Long'er – disse Yu – Não quero que você se transforme em uma Drakkar... – ele ficou cabisbaixo.

– Por quê? – perguntei curiosa.

– Porque você vai embora... – ele disse coçando o nariz com o dedo indicador, sem olhar para mim.

– Mas eu vou voltar – expliquei – É só por alguns anos, para aprender com um Mestre Drakkar.

Não percebia, naquele momento, que Yu gostava de mim mais do que uma amiga; mas as nossas famílias eram muito diferentes e, enquanto ele era filho de um nobre, eu era herdeira da matriarca da aldeia. Mesmo minha família tendo muitas posses, não nos deixariam



QINGLONG E A GRANDE GUERRA DRAKKAR

casar por eu não ter sangue nobre. Porém, ainda assim, esse não era um pensamento que me passava pela cabeça naquela idade.

– Um dia vou ser ministro – Yu bateu no peito e apontou para si com o dedo – E vou me casar com você – disse de supetão apontando para mim.

Aquela frase me deixou em choque. Não sabia o que dizer. Éramos duas crianças e aquelas conversas não deveriam acontecer.

Sorri e olhei para o chão. Com o canto dos olhos prestava atenção nas pessoas que passavam por nós, retornando para suas casas depois do dia duro de trabalho no campo ou no rio.

– Vocês dois... sempre juntos – riu o tio Qi enquanto se aproximava, acompanhado de Yue e repleto de tigelas com milhete cozido.

Tio Qi, baixinho e já de idade, era o chefe do Clã Qi e tinha uma plantação de milhete mais ao norte. Era também de origem nobre e tratava Yue e Yu como se fossem seus próprios filhos. O tio Gun e o tio Qi eram como irmãos.

Naquela época, mesmo o Imperador Shun passeava entre o povo e os nobres andavam pelas aldeias sem maiores problemas. A única coisa que não havia era casamento entre eles e outras famílias não nobres; porém, o contato, amizade e companheirismo entre as pessoas eram muito estimulados.

– E então Yu? – o tio Qi sorriu – Está feliz com a mudança?

Nós nos olhamos sérios. Que mudança?

– Como assim, tio? – perguntou Yu.

– Seu pai não lhe contou que o Imperador o chamou para morar próximo de *ZhongGuo*, no pé do *Monte Song*? – disse o tio Qi.



Yu rapidamente baixou a cabeça. Estava triste; e eu sabia o porquê. Aquela notícia abrupta, daquela forma, tirou seu chão.

– Eu não quero ir – disse Yu gritando enquanto saía correndo a esmo sem parar.

– Onde é isso, tio Qi? – perguntou Yue, sem entender direito o que estava acontecendo.

Eu me levantei e corri atrás de Yu, deixando o tio Qi explicando para Yue sobre sua futura mudança.

Yu e Yue eram meus únicos amigos e, sem eles, eu ficaria realmente muito sozinha e sabia que, para Yu, aquela separação o deixaria muito triste, pois ele havia acabado de dizer que queria casar comigo.

– Yu’er! – gritava enquanto tentava alcançá-lo na corrida.

Ele corria desesperado, deixando as marcas pesadas de seus pés afoitos e raivosos no chão, como cicatrizes de sua dor. Porém, depois de alguns minutos, ele parou de súbito.

– Yu’er... – respirei ofegante parando ao seu lado.

Ele, de cabeça baixa, tentava segurar o choro, enquanto meu coração se enchia de pena e carinho. Queria poder fazer algo para aliviar sua tristeza.

– Eu não quero deixar a aldeia – ele disse, fungando o nariz.

– Eu sei... – comentei olhando para o chão.

Aquilo era muito ruim e eu começava a me sentir estranha. Nunca havia perdido amigos tão próximos daquela forma.

– Nós vamos dar um jeito de nos vermos – eu disse – Eu irei visitar vocês no Monte Song...

– Eu prometo! – ele se virou e me pegou pelos ombros, de susto, enquanto olhava, lacrimejando, fundo nos meus olhos – Eu



prometo, Long'er... – disse abraçando-me com força – Eu vou ser ministro e vou voltar para casar com você – apertou-me, por fim.

Eu o abracei com a mesma força e fiquei ali, daquele jeito, junto a ele, por alguns segundos. Pensar que meus amigos iriam embora me fazia querer sair daquela aldeia também. Precisava despertar meu Elemento de uma vez, e ir treinar com um Mestre Drakkar. Assim teria poder e liberdade para ir aonde eu quisesse e, dessa forma, poderia ver meus amigos sempre que tivesse vontade.

– Promete que vai me esperar? – ele me perguntou ao pé do ouvido – Que... vai se casar comigo? – pegou-me de surpresa.

O que eu poderia dizer? Vê-lo daquela forma me partia o coração e eu não queria ver meu melhor amigo chorando.

– Prometo – respondi, cheia de hesitação e completamente confusa, mas decidida a amenizar seu sofrimento.

– O Clã Si e o Clã Liu juntos... – ele sorriu – Seremos muito felizes; eu prometo.

Sorri um sorriso perdido. Não queria decepcioná-lo naquela hora difícil.

Às minhas costas, o Sol se punha lentamente, deixando sua luz cada vez mais tênue enquanto o vermelho dos céus dava espaço para a noite. E, depois daquelas promessas todas em desespero, nós dois voltamos para a praça central e comemos o milhete do tio Qi, como se nada tivesse acontecido. Essa era a beleza da pureza de ser criança.



A·G·OLYVER

